

HEROE Á FORÇA

OPERA COMICA EM 3 ACTOS

Adaptada á scena brasileira

POR

ARTHUR AZEVEDO

MUSICA DE

ABDON MILANEZ



RIO DE JANEIRO

AUGUSTO DOS SANTOS—EDITOR

1886

HEROE Á FORÇA

OPERA COMICA EM 3 ACTOS

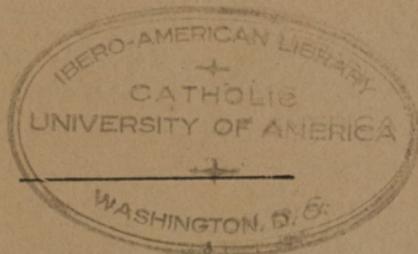
Adaptada á scena brasileira

POR

ARTHUR AZEVEDO

MUSICA DE

ABDON MILANEZ



RIO DE JANEIRO

AUGUSTO DOS SANTOS—EDITOR

1886

PERSONAGENS



Luizinha	D.	ROSA VILLIOT.
Valentim Braga, latoeiro..)	gêmeos.	SR. VASQUES.
Jorge Braga, capitão.....)		
Gregorio, sargento.....	SR.	ARÊAS.
Mathias de Albuquerque, governador de Pernambuco....	SR.	LISBOA.
Pantaleão de Aragão, ca- pitão de navio.....	SR.	PINTO.
Vicente	SR.	MESQUITA.
Um ajudante de ordens..	SR.	NINO.
Um soldado	SR.	CEZAR.
Outro	SR.	DIAS.
Um reposteiro)	SR.	MACHADO.
Um capellão)		
Uma noiva		N. N.

Latoeiros, mulheres, crianças, officiaes, soldados, banda marcial, convidados de ambos os sexos.



A acção passa-se em Pernambuco, no seculo XVII, durante a guerra dos hollandezes ; o 1º acto no Recife, o 2º em Jaboatão, e o 3º em Olinda, no palacio do governador Mathias de Albuquerque.



Ensauidor, Sr. Jacintho Heller ; regente da orchestra, Sr. Henrique de Mesquita ; scenographo, Sr. Carrancini.

AO PROPECTO ACTOR

ANTONIO JOSÉ ARÊAS

Aceitando a dedicatória desta peça, a que tu, o grande Vasques, e outros collegas teus, muito distinctos, ides, sem dúvida alguma, dar um magistral desempenho, — dá-me licença para contar-te ligeiramente a historia do *Heróe á força*, e pol-a nestas paginas á laia de advertencia.

Ha seis annos chegou a esta Côrte, vindo de Portugal, e foi fazer parte da companhia Heller, que então funccionava na Phenix Dramatica, um actor, teu compatriota, cujo nome não preciso aqui citar.

Poucos dias depois de entrar para a Phenix, esse actor veio ter commigo, e disse-me :

— Tenho em meu poder uma comedia por mim representada centenas de vezes em Portugal, e sempre com muito agrado. Mas infelizmente é uma peça sem musica ; não pertence ao genero adoptado pelo Sr. Heller. Desejo que me transforme essa comedia n'uma opereta, fazendo-a pôr em musica por um compositor de talento. Só assim poderá ser representada na Phenix.

No dia seguinte, entregou-me um manuscrito, cuja primeira pagina rezava assim : « *O heróe á força*, comedia de espectaculo em 3 actos, imitação por A. de Menezes.

Immediatamente procedi á leitura, e reconheci que outra coisa não podia ser essa comedia senão *Le brasseur de Preston*, velha opera-comica franceza, que eu apenas conhecia de tradicção. O imitador tirara-lhe todo o canto. E' singular que, sem esse attractivo, embora bem representada, a peça lograsse tanto exito em Portugal. Imagina um *libretto* de opera-comica... sem musica !

Debalde procurei então por toda parte um exemplar de *Le brasseur de Preston*. Afinal, resolvi extrahir a opereta da propria comedia manuscripta. Feito esse trabalho, incumbi de pol-o em musica o Sr. Frederico Guzman, distincto pianista e compositor chileno, que se achava então de passagem nesta Côrte. Infelizmente o trabalho do *maestro* não agradou ao empresario, o que não quer dizer que me desagradasse a mim, e o Sr. Guzman levou consigo a partitura, quando se retirou, em 1882, para a Europa, onde falleceu ha pouco mais de um anno.

Entretanto, o actor a que acima me referi, retirando-se da Phenix, esquecido do que convencionára commigo, representou no Polytheama Fluminense (e sem me dizer palavra) a comedia tal qual fôra arranjada pelo Sr. A. de Menezes. Pouco depois d'esse acto, que eu não qualifi-

carei, o artista repatriou-se, e nunca mais ouvi fallar d'elle.

Em 1883 o meu amigo Sr. Abdon Milanez, que hoje todo o publico fluminense conhece e aprecia, pedio-me um *libretto* para pôr em musica. Lembrei-me do *Heróe á força*, e em boa hora, porque o joven *maestro* sahio-se admiravelmente; refiz o meu trabalho, e d'esta vez em presença do proprio original, que finalmente obtive. Não fiz propriamente uma traducção, mas uma «adaptação á scena brasileira». Transportei para Pernambuco, um pouco a trouxe-mouxe, confesso, a acção da comedia, e dei-lhe por época o seculo XVII, que se prestava perfeitamente á trama do *libretto*. Introduzi no 3º acto um personagem historico, ousadia que, espero, me será desculpada, porque, em casos analogos, outros o têm feito antes de mim, e com menos verosimilhança. Conservei o titulo de *Heróe á força*; certamente os meus escrupulos se opporiam a isso, se eu não tivesse noticia, pelo referido Guzman, de que havia com o mesmo titulo uma traducção hespanhola da mesma peça. Além disso, *Heróe á força* era um titulo que se impunha a este trabalho; a uma

criança não occorreria outro, e a mim me admira que o auctores francezes não o houvessem aproveitado.

Tudo isto escrevo, meu Arêas, para deixar aqui bem patente que este trabalho é uma adaptação de *Le bras-seur de Preston*, opera-comica em 3 actos, dos Srs. de Leuven e Brunswich, posta em musica por Adolpho Adam, e representada pela primeira vez em Pariz, no theatro da Opera-comica, em 31 de Outubro de 1838 ; nada aproveitei do *Heróe á força* que ha tempos foi exhibido, uma ou duas vezes, no Polytheama Fluminense, por um simulacro de companhia dramatica.

Um aperto de mão do amigo agradecido e admirador sincero

Arthur Azevedo.

Rio de Janeiro, Setembro de 1886.

ACTO PRIMEIRO

Interior de' uma officina de latoeiro. Por toda a parte artefactos de folha de Flandres. Bancos. Porta á esquerda. Portão ;ao fundo, com sineta. Esse portão diz para um pateo.

SCENA PRIMEIRA

VICENTE, *que entra da esquerda e vae tanger a sineta*; OS LATOEIROS, *que entram do fundo, em confusão*; depois VALENTIM.

CORO DOS LATOEIROS

Ao som da sineta
Corramos depressa!
São horas! Começa
Nossa obrigação!
De folha de Flandres
Mil coisas fazamos,
E aos anjos peçamos
Que as venda o patrão.
No fim das semanas
As férias não falham,
Pois aos que trabalham
Protege o Senhor.
Por tanto, rapazes,
Va lá! Mãos á obra!

Va lá ! que nos sobra
Vontade e vigor !

Vicente.

Voces têm razão.

Coro.

Bons dias !

Vicente.

Rapazes, razão lhes dou...
Deus fez o mundo em seis dias,
No setimo descansou ;
Por tanto, a Deus imitemos :
Á semana trabalhemos
E ao domingo descancemos!
Descance quem trabalhou.

Coro.

Não apciado !
Qual descansar !
Fez-se o domingo
Para bailar,
Folgar,
Brincar !
No fim das semanas etc.

(Dispõem-se todos para trabalhar ; VALENTIM entra da esquerda.)

Valentim.

Alto lá ! Alto lá !...
Hoje aqui ninguem trabalha
Em casa de Valentim !

Coro.

Como assim ?

Diga lá !

Valentim, trazendo por um gesto todos ao proscenio.

COPLAS

I

Um grandioso, audaz projecto

Eu concebi ;

Por isso vae hoje sueto

Haver aqui.

Para vós todos promptamente

Ver folgazões,

Eu vou distribuir contente

Uns patacões !

(Distribuindo moedas de prata de um sacco que traz na mão.)

Aqui está !

Tomem lá

Patacões !...

Coro.

Venham lá,

Venham já

Patacões !...

Valentim.

II

Qual o projecto, só mais tarde

Hão de saber ;

Aquelle que em desejos arde

De o conhecer

Póde dar tratos ao bestunto
Não é capaz
De adivinhar que grande assumpto
Aqui me traz !
Aqui está ! etc.

Coro.

Venham lá, etc.

Vicente.

Patrão querido,
Vossa mercê
Esse projecto
Diga qual é.

Coro.

Diga qual é !

Valentim.

Vão vestir os seus fatos domingueiros,
E voltem prasenteiros,
Trazendo cada qual sua mulher.

Vicente.

Manda o patrão ! E' obedecer !

Coro.

E' obedecer ! é obedecer !
No fim das semanas etc.

(Saem os latoeiros pelo fundo.)

SCENA II

VALENTIM, VICENTE.

Vicente.

Mas diga-me cá, patrão. Qual é o motivo de tanta alegria? Dar-se-á caso que vossa mercê tenha recebido alguma herança?

Valentim.

E que te importa? Come como um frade, bebe como um hollandez, dansa como um indio, ri como um doido, e não queiras saber mais nada.

Vicente.

Qual não queiras, nem qual carapuça! Não se me dava saber porque a gente vae ser obrigada a andar hoje de cara alegre!

Valentim.

Vaes saber... E' que... Nada! és um tagarella, podes dar com a lingua nos dentes. A seu tempo tudo saberás. Olha, vae á taverna do Leonardo, alli ao Corpo-Santo, e dize-lhe que mande a vinhaça a tempo. O jantar é ás tres em ponto.

Vicente.

E são muitos os convidados?

Valentim.

Os rapazes, as mulheres... hão de ser para ahi quarenta pessoas... Quarenta e uma! Sim, porque tambem ha de vir meu irmão Jorge... Escrevi-lhe ante-hontem á tardinha. Ha que tempos o não vejo! Que queres? Um official não póde deixar o seu posto, principalmente em tempo de guerra!

Agora, que está tão perto daqui, talvez possa arranjar uma licença, e vir jantar com a gente. Malditos hollandezes! têm-nos dado agua pela barba!

Vicente.

E' certo que vossa mercê parece-se tanto com seu irmão, que até se confundem?

Valentim.

Homem, eu mesmo não sei se sou eu que me pareço com elle, ou se é elle que se parece commigo. O que te afianço é que somos o retrato um do outro, e isso não admira, porque somos gêmeos. (*Outro tom.*) Mas, vamos! Vae, faze o que te disse, e não dês á lingua, se queres dar aos dentes!

Vicente.

Cá vou, patrão, cá vou. (*Sae pelo fundo.*)

SCENA III

VALENTIM.

Sempre quero ver a cara que farão quando souberem! Tambem não disse nada á Luizinha... Como ficou admirada, fitando-me com os seus formosos olhos negros e rasgados, quando lhe pedi que deixasse a costura, dizendo-lhe que hoje era dia de festa na officina. . que seria conveniente vestir o seu melhor vestido e adornar-se com os seus melhores enfeites... e, se alguma coisa faltasse, que a mandasse buscar ao melhor mascate de Olinda. Pobre pequena! ficou tão attonita, que nem sequer se atreveu a perguntar-me... (*Luizinha entra da esquerda.*) Ella ahí vem! Como é bonita! Benza-a Deus!

SCENA IV

VALENTIM, LUIZINHA.

Luizinha.

Ah! estava ahi, Sr. Valentim? Diga-me: estou a seu gosto?

Valentim.

Estás, meu anjo! Approxima-te; quero ver-te mais de perto. Como és linda!

Luizinha.

Ora...

Valentim.

Mas quem te deu essa fatiota? Nunca te vi tão bem vestida!

Luizinha.

Faça-se de novas! Julga que o não vejo todos os domingos, quando vossa mercê vae pé ante pé deitar-me no cesto da costura um dobrão de ouro, e em seguida foge, como se praticasse um grave delicto?

Valentim.

Pois sim, pois sim, não fallemos mais nisso...

Luizinha.

Pelo contrario, fallemos. E' preciso pôr cobro a semelhante procedimento. Estou envergonhada de tantos beneficios, visto nada ter feito por merecel-os. A vossa mercê devo eu este luxo... Sou aqui tratada como uma fidalga.

Valentim.

Ora qual ! Isso não vale nada... Eu é que sou um ingrato... Se fosse a pagar, como devia, os benefícios que recebi do teu bom pae, que Deus haja...!

Luizinha.

Meu pae cumpria as suas obrigações. Era o mestre da officina. Esforçava-se por bem servir ao seu amo.

Valentim.

Teu pae era alguma coisa mais que o mestre da funilaria : era um amigo, um verdadeiro amigo. Se aos trinta annos de idade estou senhor deste estabelecimento e quasi rico, a quem o devo ? A elle, á sua actividade, á sua industria, e, sobretudo, aos seus conselhos. Poz-se á testa da officina, e por tal fórma a acreditou, que hoje está no pé de prosperidade em que a vemos ! E não havia eu de me interessar por ti, que, ficaste orphan aos treze annos, desamparada neste mundo, sem outros bens que não fossem a tua virtude, a tua innocencia, e esse rosto de fada, capaz de causar inveja aos proprios anjos do céo ? ! Vamos lá ! Disse e repito : Fui ingrato !

Luizinha.

Exagera...

Valentim.

Não fallemos mais nisto, senão entro a commover-me, e hoje não é dia para tristezas... Anda cá, Luizinha : não adivinhaste ainda a causa destes preparativos de festa ?

Luizinha.

Não... ninguem faz annos hoje...

Valentim.

Pois ouve lá. Sabes que pela Paschoa completei trinta annos? Coméço a enfastiar-me de estar solteiro. Quando dão ave-marias, e despeço os officiaes, fico em completa solidão. Entro a passear pelo meu quarto, da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, com as mãos nas algibeiras, perguntando a mim mesmo porque não me hei de eu rodeiar de meia duzia de rapazes que corram, gritem, saltem, besuntando-me o fato, beliscando-me a barriga das pernas... divertindo-me, emfim!

Luizinha.

Pensou em casar ?

Valentim.

Rapazes... não é difficil arranjal-os... O *busilis* está em deitar a mão n'uma mulherzinha bonita, amavel e ajuisada... (*Luizinha baixa os olhos.*) Mas como o casamento é uma especie de jogo da cabra-cega, o melhor é a gente confiar-se á sorte ; fechar os olhos e agarrar uma. Foi o que fiz, e quer me parecer que encontrei o que desejava.

Luizinha, contente.

Encontrou ?

Valentim.

Encontrei. (*Pausa.*) Um pouco longe d'aqui...

Luizinha, despeitada.

Ah !

Valentim.

Uma guapa rapariga... boa... amavel... discreta...

Luizinha, esforçando-se por disfarçar a perturbação.

Será bom... Sr. Valentim... não se fiar muito nas apparencias...

Valentim.

Descança. Trata-se da filha do Barbalho, o proprietario daquella quinta de Apipucos, que fornece capim para o nosso macho.

Luizinha.

Não conheço.

Valentim.

Olha, aqui tens tu a carta do Barbalho. (*Tira um papel do bolso e finge que lê.*) « Meu amigo. Em resposta á sua de 16, participo-lhe que amanhan... » (*Declamando.*) E' hoje. (*Continuando*)... que amanhan, dia de remessa de capim aos meus freguezes da cidade, remetto-lhe minha filha e tres feixes do dito, da melhor qualidade. Espero que tudo chegue fresco e sem avaria. De seu amigo—Barbalho ». (*Declamando e guardando a carta.*) Como vês, a minha noiva chega hoje mesmo. Quero receber-a com todos os ff e rr. Farás favor, Luizinha, de cuidar em que nada falte. Eu vou sahir; tenho ainda que dar algumas voltas. (*Péga no chapéo.*) Dize-me cá : não gostaste de saber que me caso?

Luizinha, com um esforço supremo.

Eu... sim... gostei...

Valentim.

Muito bem! Até logo, Luizinha, até logo... não me demoro. (*Sae pelo fundo.*)

SCENA V

LUIZINHA.

(Mal se vê só, rebentam-lhe as lagrimas e os soluços, e cae n'um banco, chorando abundantemente. Pausa).

E eu que me levantei tão alegre esta manhã!
Bem longê estava de pensar que... Quem tal
diria? Pobre de mim!

ROMANZA

Chora a minh'alma sentida,
Padece o meu coração!
Vejo p'ra sempre perdida
A minha doce illusão!

(Erguendo-se.)

Oh! que destino barbaro!
Que desgraçada sorte!
A vida ser-me-á despota,
Benevolente a morte!
Louca esperança, perfida,
Em fumo se desfez...
Do pranto meu as perolas
Deslizem-me no rosto!
Mas, ah! não sanam lagrimas
O meu fatal desgosto:
Socego só no tumulto
Hei de encontrar talvez!
Chora a minh'alma sentida,
Padece o meu coração!
Vejo p'ra sempre perdida
A minha doce illusão!

SCENA VI

LUIZINHA, VICENTE.

Vicente, entrando do fundo.

Está tudo prompto, não falta nada ! Ora muito bons dias tenha a menina Luizinha. Oh ! mas, ou eu sou cego, ou a menina esteve a chorar !

Luizinha.

Eu ? Engana-se !

Vicente.

Qual engana-se, nem qual carapuça ! Diga-me : quem lhe fez mal ? Diga-me quem foi, e verá como o arrazo !

Luizinha.

Socegue... Tratemos antes de combinar o modo porque havemos de receber a noiva do Sr. Valentim.

Vicente.

A noiva do Sr. Valentim ? Pois o patrão casa-se ?

Luizinha.

E' verdade, Vicente.

Vicente.

Pois o patrão casa-se e não é com a menina ?

Luizinha.

Commigo ? Que está dizendo, Vicente ? Pois eu sou lá digna de seu patrão ? Eu ? ! Sem familia...

Vicente.

Qual familia, nem qual carapuça ! O patrão faz um grande disparate ! Eu digo-lh'o, digo-lh'o. nas bochechas ! Quantas vezes, cá na officina, temos dito uns para os outros : o patrão faz muito mal em não se casar com a menina Luizinha !

Luizinha.

Que queres tu ? Elle não me ama.

Vicente.

Qual não ama, nem qual carapuça ! Ama, sim senhora ! Tinha que ver se a não amasse ! Todos aqui a amam. E, senão, olhe... ahi vêm os rapazes... Pergunte-lhes.

SCENA VII

OS MESMOS, OS LATOEIROS, *de braço dado a suas MULHERES, algumas das quaes trazem CRIANÇAS pela mão ; depois VALENTIM. Estão todos em trajos de festa.*

CORO

Trazemos o riso nos labios,
Trazemos alegres semblantes ;
Roupas galantes
De ver a Deus !
Pois em domingo alegre o sabbado
Quer o patrão que se transforme !
Isto é conforme
Fazem judeus.
A razão do jubilo
Aqui ninguem vê !

(*Com um movimento de dansa.*)

Dansamos, cantamos,
Saltamos, brincamos.
Sem saber porque ! (*Dansam.*)

Vicente.

Assim, rapazes, assim !
Quer o senhor Valentim
Completa satisfação !

Todos.

Viva o patrão !

Valentim, que tem entrado.

Saibam, amigos meus : todos estes mysterios
São porque vou entrar
No rol dos homens serios !

Todos.

Vae casar ! Vae casar !...

Vicente.

Qual é a noiva ?
Nos nos dirá ?

Todos.

Qual é a noiva ?
Diga-nos já !

Valentim.

A bella esposa minha
Outra não póde ser, senão...

Todos, anciosos.

Quem ? !

Valentim.

Luizinha !

Todos.

Luizinha !...

Luizinha.

Oh que ventura suprema !
E a outra de quem fallou ?

Valentim.

Foi um bello estratagemas,
Que um bello effeito causou.
(*Signaes de alegria em todos.*)

CONCERTANTE

Luizinha.

Oh ! que ventura !
Que f'licidade !
Sou, na verdade,
Ditosa emfim !
Vou, finalmente,
Viver folgado
Passar ao lado
De Valentim !

Valentim.

Oh ! que ventura !
Que f'licidade !
Sou, na verdade,
Ditoso emfim !
Vou felizmente

Viver folgado

Passar ao lado
De um seraphim !

Vicente e coro.

Oh, que ventura !
Que f'licidade !
E', na verdade,
Ditosa emfim !
Vae felizmente
Viver folgado
Passar ao lado
De um cherubim !

Valentim.

Emquanto esperamos o instante, que aspiro,
De nos fazermos á matriz,
Vão pela quinta dar um gyro.

Todos.

Muito bem diz !
A razão do jubilo
Aqui já se vê !

*(Vicente e os côros saem com um movimento de
dansa.)*

Dansamos, cantamos,
Saltamos, brincamos,
Sabendo porque !

SCENA VIII

LUIZINHA, VALENTIM.

Luizinha.

Fizeste-me soffrer horrores durante dez minu-
tos ;

Valentim.

Foi uma experiencia.

Luizinha.

Máo ! E aquella carta ?

Valentim.

Aquella carta ? (*Tirando-a.*) Vê !

Luizinha,

O rol da roupa. (*Deita-o fóra.*)

Valentim.

E o Barbalho nunca teve filhos.

Luizinha.

Que prazer egoista o de amargurar os outros !

Valentim,

Coitada ! Ainda não tinha eu dado dez passos, e rebentavam-te as lagrimas. Oh ! abençoadas lagrimas ! (*Beija-lhe os olhos.*)

Luizinha.

Parece-me isto um sonho ! Dize-me outra vez que vou ser tua esposa !

Valentim.

Dentro de uma hora iremos juntos á matriz. A papellada está prompta.

Luizinha,

Mas porque tanto mysterio ?

Valentim.

O segredo é o tempero mais saboroso deste acepipe que se chama amor. Amar-nos-emos sempre, não é assim ?

Luizinha.

Sempre !

Valentim.

A minha satisfação seria mais completa, se pudesse ter a meu lado meu irmão Jorge...

Luizinha.

Tenho tanta vontade de o conhecer...

Valentim.

Convidei-o, mas não sei se poderá deixar o exercito. O pobre rapaz tem andado n'uma duba-doura ! Veio da Parahyba por terra, por uns caminhos impossiveis, e não teve tempo ainda de apparecer no Recife. E até certo ponto é bom que não appareça.

Luizinha.

Porque ?

Valentim.

Porque ? Pois não tenho já contado quantas me succederam em rapaz, pela maldita casualidade de nos parecermos tanto um com o outro ? Eu era uma pombinha sem fel, e bastante medroso, molestia de que ainda hoje padeço... Em vendo qualquer perigo, logo me dá vontade de fugir ! Meu irmão era o contrario : bulhento, endiabrado, provocador ! Toda a vizinhança tinha-lhe raiva.

Cortava as orelhas ao cão de Fulano... pintava de verde o gato de Beltrano. Queixavam-se a minha mãe; Jorge dizia que tinha sido eu; os queixosos confirmavam, e o resultado era uma tunda!

Luizinha.

Pobre Valentim!

Valentim.

Quando ficámos taludos, as diabruras eram de outra especie. Quantas vezes Jorge se aproveitou da nossa similhaça para ir em meu logar a certas entrevistas; quantas!

Luizinha.

Mas que tem isso para não queres que elle venha?

Valentim.

Que tem isso? Nada! é uma brincadeira! Meu irmão ainda é o mesmo: valente, honrado, diga-se a verdade, mas tambem galanteador, seductor, e... E se quizer divertir-se á minha custa...

Luizinha.

Ora cala-te! Não digas herezias!

Valentim.

E? que talvez não nos differençasses!

Luizinha.

Acreditas que o meu coração possa enganar-se?

Valentim.

Porque não? Fazes lá idéa como nos parecemos! A mesma estatura, a mesma cara, a mesma voz!

Luizinha.

Já coméço tambem a ter cuidados !

Valentim.

Se te estou a dizer que o caso é serio ! Ainda se os hollandezes o fizessem coxo ou maneta...

Luizinha.

Deus o livre, coitado !

Valentim.

Tens razão, Deus o livre. Ah ! espera ! Se elle vier, podemos adoptar este meio : Quando eu for eu... quero dizer : quando elle for elle... sim, quando eu não for elle... isto é .. eu me explico. Quando for eu, Valentim, teu marido, que se approxime de ti, direi qualquer coisa... *Ego sum qui sum*, por exemplo,—mesmo em latim, não faz mal... E dou-te um beijo. Deste modo, conheces-me logo e evitas alguma troca.

Luizinha.

Está dito.

Valentim.

Mas toma cuidado, que se eu me approximar e não disser nada, é que não sou eu .. e então, pelo amor de Deus !

Luizinha.

Cala-te, deixa-te de tolices !

DUETTO

Valentim.

Vamos fazer um ensaio ?

Luizinha.

Um ensaio ? Vamos lá !

Valentim.

Eu primeiramente saio ..

Luizinha

Ficarei sosinha cá.

Valentim.

Ao voltar, tu me recebes
Conforme o que eu cá fizer.

Luizinha.

Eu já estou prompta.

Valentim.

Percebes ?

Luizinha.

Muito bem.

Valentim.

E' o que se quer.

(Sahida falsa pelo fundo.)

Luizinha, só.

Espera lá ! Vou te fazer
Enraivecer !

(Valentim entra gravemente e faz uma mesura ceremoniosa a Luizinha, que se lhe lança nos braços, com impeto amoroso.)

Luizinha.

Valentim querido,
Aos meus braços vem !
E's o meu marido,
E eu te quero bem !

Valentim, desesperado.

Então ? Então ? !
Assim recebes meu irmão ?
Eu não te havia dito nada...

Luizinha.

E' que fiquei atrapalhada
E não prestei muita attenção...

Juntos.

E' perigoso
—Podera não !
Ter {
Ser { um marido
Tão parecido
Com seu {
meu } irmão!

Com estes manos
Toda attenção,
Pois dos enganos
Vive o escrivão !

Valentim.

Fazer vamos novo ensaio ?

Luizinha.

E ha de ser melhor talvez.

Valentim.

Da officina outra vez saio.

Luizinha.

Fico só mais uma vez.

Valentim.

Vê lá se o caldo entornamos!

Luizinha.

Has de ver que não vou mal!

Valentim.

O ensaio que fazer vamos
E' um ensaio geral.

Luizinha.

Eu já estou prompta.

Valentim.

Vejamos.

Luizinha.

Atenção!

Valentim.

E' o principal!

(*Sahida falsa pelo fundo*)

Luizinha, só

Espera lá! Vou te fazer
Enraivecer!

(*Valentim volta muito alegre, chega-se a Luizinha, dá-lhe um beijo no pescoço e declama Ego sum qui sum.*)

Luizinha, fingindo-se zangada.

Que petulante
Sujeito audaz!
Toma, tratante,
Que te dou, zás!

(*Dá-lhe uma bofetada.*)

Valentim, desesperado.

Então? Então?
Pois tu farás tal recepção!
A teu marido, ó desastrada?

Luizinha.

E' que fiquei atrapalhada,
E não prestei muita attenção.

Juntos.

E' perigoso, etc.,

Luizinha.

Mas, querido meu, descança...

(*Tomando-o pelo braço e como em segredo.*)

Apezar da similhaça,
Não haverá confusão!
Pois se os olhos meus se illudem,
Não se engana o coração...

Juntos.

Apezar da similhaça, etc.

Valentim.

Já são horas de irmos para a matriz! Vamos procurar os rapazes. Depois viremos jantar! E a noite o bailarico!

(N'isto, Gregorio precipita-se em scena, vindo do fundo. Dá com os olhos em Valentim, julga reconhecê-lo, e abraça-o com impeto.)

SCENA IX

LUIZINHA, VALENTIM, GREGORIO

Gregorio, abraçando a Valentim.

Ah ! meu capitão, meu bravo capitão ! Eu logo vi que o havia de encontrar !

Valentim, aparte.

Ai, que é maluco !

Gregorio, contemplando-o.

Ora o meu capitão ! Mas que idéa foi esta de deixar o acampamento e vir para o Recife encafuar-se em casa de seu irmão ?

Valentim.

Ah ! já percebo... E' a similhaça de que fallavamos ainda agora, Luizinha. O camarada toma-me por Jorge !

Gregorio, attonito.

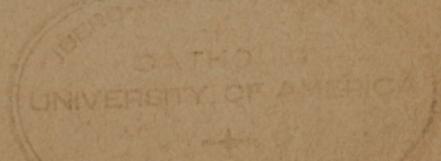
Pois eu não estou em presença do meu capitão ?

Luizinha.

Está em presença do Sr. Valentim Braga.

Gregorio.

O irmão ?! Com todos os diabos ! O patrão já me havia fallado em vossa mercê, mas nunca



suppuz que a similhaça fosse tão perfeita ! Olhe que não lhe falta nada, com mil raios ! Pois, Sr., eu sou o sargento Gregorio, vulgo *Vomita-pragas*, e pertença á companhia de seu irmão, que vinha procurar aqui.

Valentim.

Quem ? Meu irmão ? Aqui ? Não está nem nunca esteve ! O sargento não sabe que meu irmão nunca veio ao Recife ?

Gregorio.

Como ? Pois não está cá ?

Valentim.

Não, Sr., mas não importa, sargento : saberá que me caso hoje...

Luizinha.

Que nos casamos hoje...

Valentim

E teremos ambos muito prazer em que um camarada de meu irmão nos acompanhe ao jantar e ás bodas.

Gregorio.

Com mil buxas ! estamos mesmo boas para gavotas e sarabandas !

Luizinha.

Que tem, sargento ?

Valentim.

Assusta-me ! Que ha de novo ?

Gregorio.

Que ha de novo? Uma desgraça!

Valentim.

Não brinque!

Gregorio.

Se até amanhã ao meio-dia o capitão Jorge Braga não se apresentar no acampamento...

Valentim e Luizinha.

Que lhe farão?

Gregorio.

Que lhe farão? Sentencial-o-hão á morte, e pum! com seiscentas bombas!

Valentim e Luizinha, horrorisados.

Oh!

Gregorio.

Então julgam que isto de ser militar é comer filhoses? Diabo leve quem inventou os conselhos de guerra! Má raios o partam, fome o persiga, um estupor lhe dê o inferno!...

Valentim e Luizinha, benzendo-se.

Credo!

Gregorio.

COPLAS

I

O militar, durante a guerra,
Deve andar prompto como um fuso:

Futil delicto ou leve abuso
Deita a perder um militar !
P'ra que lhe dêm cabo da pelle
Não é mister uma batalha,
Pois por dá cá aquella palha
Podem mandal-o fuzilar !
Embora seja um valentão,

Embora seja um fracalhão,
Seis negras balas o farão
Cahir morto no chão !
Pum !... pum !... pum !...
Pum !

II

Se tem dous olhos, o soldado
Ponha um no padre, e outro na missa ;
Mesmo o valor, no ardor da liça,
Deita a perder um militar !
O militar, durante a guerra.
Tanto perigo corre, em summa,
Que, sem feito coisa alguma,
Podem mandal-o, fuzilar !

Embora seja um valentão, etc.

Seu irmão ausentou-se com licença ; mas ha já quatro dias que ella findou. O regimento está ha poucas leguas d'aqui, em Jaboação, preparado para atacar um reducto hollandez. De um momento para outro estaremos a contas com o inimigo, e o meu capitão não estará á frente de sua companhia ! Isto é o que me faz desesperar, com seiscentas mil bayonetas !

Valentim.

O inimigo ! batalhas ! bayonetas ! Ai, Virgem do Livramento, já não sei de que freguezia sou ! Malditos hollandezes, que vieram agitar esta terra, dantes tão socegada ! Olhe, sargento Vomita-pragas, matem-se, matem-se á vontade ! Eu é que não me metto nesses assados !

Gregorio.

Mas com mil raios ! (*Bate com a coronha da arma no chão.*)

Valentim, assustando-se.

Ai, credo ! Julguei que fosse um tiro ! Não brinque !

Gregorio.

Tem certeza de que seu irmão não appareceu por cá ?

Valentim.

Não, senhor ; mas póde ser que se salve, porque os chefes...

Gregorio.

Os chefes estimam-no, não ha duvida ; mas já têm sido por demais tolerantes. Não fosse elle o capitão Jorge Braga, e a estas horas estaria sentenciado e morto !

Valentim, chorando

Meu pobre irmão ! Vão no fuzilar !

Gregorio.

Isso é o menos !

Valentim,

Heim ?

Gregorio.

Uma duzia de balas no coração ! Que isso é ? Um pão por um olho ! Mas o peor é que será exaustorado, deshonorado !

Valentim.

Deshonorado !

Gregorio.

Deshonorado, sim, com mil demonios do inferno !
Deshonorado ! !...

Valentim.

Pae do céo, que poderemos fazer ? Lembre-se de alguma coisa, sargento !

Luizinha.

Lembrem-se ambos. Talvez se possa arranjar tudo...

Gregorio.

Choremos na cama que é logar quente. Eu volto para o acampamento, e vossas-mercês casem-se com todos os diabos !...

Valentim.

Casarmo-nos ! N'uma situação como esta !

Luizinha.

Isso nunca !

Valentim.

Ah ! que dei no vinte ! Eu soube, por portas

travéssas, de um namorico de Jorge com a filha de um senhor de engenho na Ipojuca.

Gregorio.

E que tem Judas com as almas dos pobres ?

Valentim.

A apostar em como está lá com a pequena, sem se lembrar de que ha hollandezes em Pernambuco ! Vamos lá ! D'aqui a Ipojuca são poucas leguas !

Luizinha.

Eu tambem vou, e o Sr. sargento tambem.

Valentim.

Tenho um presentimento de que alli encontraremos aquelle escalda-favaes. Na carreta chegaremos lá n'um instante. (*Indo á porta.*) O' Vicente, manda atrelar o macho á carreta ! (*A Luizinha.*) Em breve estaremos de volta, e então celebraremos as bodas. Vamos, Vicente, despacha-te ! Eu vou buscar o meu capote e algum dinheiro.

Luizinha.

Vou tambem preparar-me .

Gregorio

Vamos ! Aviem-se, com quatrocentas mil granadas ! (*Valentim e Luizinha saem pela esquerda.*)

SCENA X

GREGÓRIO, LATOEIROS, MULHERES, CRIANÇAS, *depois*
VALENTIM, LUIZINHA, VICENTE.

FINAL

Coro.

Onde o noivo está mettido ?
E a Luizinha onde é que está ?
Nosso bom patrão querido,
Sendo em breve seu marido,
Felicissimo será !

Gregório.

Calem a bocca !

Coro.

Porque ? Porque ?

Gregório.

Façam-me pouca
Bulha !

Coro.

Porque ?
Não dirá vossa mercê ?

Gregório.

I

O prazer que os embriaga
Triste caso perturba :
O capitão Jorge Braga....

Coro.

O irmão
Do patrão ?

Gregorio.

Do batalhão se auzentou !

Coro.

Que horror, ó Christo !
Jesus ! que horror !
Isto é devéras
Constristador !

Gregorio.

II

Feroz conselho de guerra
Vae julgal-o em Jaboatão !
Hão de deital-o por terra....

Coro.

Que nos diz ? !..
Infeliz !....

Gregorio.

Seis balas no coração !

Coro.

Que horror, ó Christo ! etc.

Valentim, entrando com Luizinha.

Amigos, vou partir !

Coro

Partir !

Valentim, a Vicente que entra do fundo, onde apparece a carreta apparelhada.

Vicente

Entrego-te a officina.—Brevemente.
De volta estou.

Gregorio.

Partamos !

Valentim e Luizinha.

Vamos !

Gregorio, Valentim e Luizinha

Partamos ! partamos,
Sem mais demorar !
Corramos, corramos !
E a quem procuramos
Havemos de achar !
Adeus ! Adeus !

(Entram os tres na carreta; Vicente e os coristas accenam com os lenços, enquanto a carreta se põe em movimento e desaparece).

Gregorio, Valentim e Luizinha.

Adeus, amigos !
Adeus ! Adeus !
E dos perigos
Livrae-nos Deus !
Adeus ! Adeus !

Coro.

Adeus, amigos !
Adeus ! Adeus !
E dos perigos
Que os livre Deus !
Adeus ! Adeus !

ACTO SEGUNDO

Acampamento em Jaboaão, Barracas. Armas ensarilhadas.
Os soldados, dispostos em grupos, aqui e alli, bebem e jogam.

SCENA PRIMEIRA

SOLDADOS, *depois* GREGORIO.

Coro.

Emquanto o rebate
Não chama ao combate,
Não é disparate
Beber e jogar !
Mulheres, filhinhos,
Perlidos carinhos,
Os jogos e os vinhos
Não fazem lembrar !

Um soldado.

O peor é que não ha nem novas nem mandados
Do nosso capitão !

Outro.

O sargento ahi vem... Toda attenção, soldados !

Coro.

Soldados, atenção !

Todos, a Gregorio, que entra muito triste, de braços cruzados.

Então ? Então ?

Comsigo traz o capitão ?

Gregorio.

Não !...

Com quatrocentos mil cartuchos !

Não vem commigo o capitão !...

Coro.

Oh ! que afflicção !

Não traz comsigo o capitão !

Gregorio.

Andei, corri por Secca e Meca,

Por Olivaes de Santarem...

Desde o Recife a Moribeca

Não vi ninguem !

Coro.

Não vio ninguem !

Gregorio.

O conselho de guerra

Lá se vae reunir !

Está tudo por terra...

Só lhe resta fugir...

Coro.

Vamos ver,

A tremer !

O conselho de guerra etc.

(*Sahida geral.*)

SCENA II

GREGORIO.

Onde estará mettido aquelle diabo, com seiscentas bombas ! Tinhamos certeza de encontral-o na Ipojuca, mas qual historias, nem sombras ! Em que dará tudo isto ?

A voz de Valentim.

Devagarinho... Cautela, Luizinha... Desce... apoia-te ao meu braço... assim...

Gregorio.

Ahi temos o funileiro e a noiva. E' preciso afastal-os d'aqui. Ao ouvir ler a sentença, cada um delles é capaz de ter o seu faniquito, e eu não tenho geito para tratar de mulheres nem de medrosos !

SCENA III

GREGORIO, VALENTIM, LUIZINHA.

Valentim, dando o braço a Luizinha.

E eu digo-te que deve estar aqui (*Vendo Gregorio.*) Olha, alli o tens. Bons dias, sargento ; demorâmo-nos um pouco, mas não se queixe de mim: queixe-se do jumento, com sua licença.

Gregorio, aparte.

Ora ! são bem cá precisos !

Valentim.

Julguei que chegasse tarde ; por isso vim por esses caminhos vendendo azeite ás canadas. Não

sei o que tinha o maldito jumento ! Por mais que eu lhe batesse e lhe dissesse :—Corre meu velho, corre, que querem dar cabo de meu irmão ! Corre, que tu também és quasi da familia !—na !a ! cada vez andava mais devagar !

Luizinha.

Mas, afinal, cá estamos. Diga-nos, sargento : podemos fallar ao general ?

Valentim.

Immediatamente ?

Gregorio.

Não é possível. Agora ninguem lhe póde fallar. Está reunido o conselho de guerra e formada a tropa.

Valentim.

Por isso não encontrámos um unico soldado a quem perguntassemos por vossa mercê... Vinha eu dizendo á Luizinha : — Vamo-nos perder por ahi... e, afinal de contas, andar assim ao Deus dará... no meio de um acampamento... Vem uma bala sem subscripto, e manda uma pessoa desta para melhor vida emquanto o diabo esfrega um olho !—Aqui sempre estamos melhor, pois não estamos ? Esperamos aqui que termine o tal conselho, e depois iremos todos fallar ao general. Que lhe parece, sargento ?

Gregorio.

Com cincoenta milhões de Satanazes ! pois são vossas mercês tão pouco espertos, que me não conheçam na cara não haver esperança possível ?

Luizinha e Valentim.

Hein ?

Gregorio.

Ao general ninguem falla. Já eu lhe quiz fallar e não o consegui.

Valentim.

Valha-nos Deus ! e eu, que contava alcançar alguns dias de espera !...

Gregorio.

Julga que o general é de folha de Flandres ? Aquillo é duro como uma rocha !

Luizinha.

Nesse caso, a nossa viagem é completamente baldada ?

Gregorio.

Completamente !

Valentim, animando-se.

E' o que havemos de ver ! E' o que havemos de ver ! Ah ! Ah !... Hei de mostrar para quanto sirvo ! E' que me não conhecem ! E' que não sabem quem aqui está !

Gregorio, admirado.

Que é isto ?

Luizinha.

Nunca o vi assim !

Valentim.

COPLAS

I

Hei de o conslho
De guerra ver ;
Nelle o bedelho
Queuro metter !
Se não consigo
Lá penetrar,
Não mais commigo
Podem contar !
Das sentinellas
Dou cabo até !
Neuhuma dellas
Fica de pé !
Que, em taes alturas,
Eu sou capaz
De cem loucuras
Fazer : zas ! traz !
Que espalhafato !
Que irmão audaz !
Degolo e mato ;
Vão ver ! Zaz ! traz !

Gregorio e Luizinha.

Diz o gabola
Que tudo faz !
Mata, degola !
Zaz ! traz ! Zaz ! traz !

Valentim.

II

Não desespéro
Mil vezes não !
Salval-o quero,

Que é meu irmão !
P'ra quanto presto
Vão todos ver !
C'um simples gesto
Faço tremer !
Foram-se as nicas !
Do sangue a voz
Faz d'um maricas
Tigre feroz !
Que espalhafato !
Que irmão audaz !
Degolo e mato !
Vão ver ! Zaz, traz !

Gregorio e Luizinha.

Diz o gabola,
Que tudo faz !
Mata, degola !
Zaz ! traz ! Zaz ! traz !

Luizinha.

Ah, Valentim ! quero dar-lhe um abraço !
Quanto gósto de o ouvir fallar assim !

Valentim.

Deixem acabar o tal conselho, e verão !

Luizinha.

Diz o sargento que não é possível !

Gregorio.

Não se perde nada com experimentar. Talvez
que se possa fazer alguma coisa, com cem mil
canhões !

Valentim.

O' sargento, diga-me cá : a Luizinha póde descançar n'uma destas barracas? Coitadinha! deve estar moida!

Gregorio.

Alli tem... naquella barraca é que se alojava seu irmão... (*Chorando.*) Então? não estou eu a chorar, com cem... Então?

Valentim, chorando.

Era alli?... (*Abrindo a porta da barraca.*) Sim... cá está a malla... o leito... o uniforme e a espada! Só falta alli o meu pobre Jorge!

Luizinha, que tambem chorou.

Vamos, não ha que desanimar! Póde ser que esteja de volta antes do meio-dia!

Valentim, limpando as lagrimas.

Nossa Senhora do Livramento te ouça! Sr. sargento, espere um pouco, que eu já volto para darmos principio á nossa obra!

Gregorio.

Vá, que o avisarei quando for ocasião.

Valentim.

Vamos, Luizinha! (*Entra com Luizinha na barraca.*)

SCENA IV

GREGORIO, só, depois PANTALEÃO DE ARAGÃO.

Gregorio.

Pobre gente ! Tem esperanças, e eu nenhuma !
Vamos, Gregorio, meia volta á direita ! Ordinario !
Marche ! (*Vae a sahir ; encontra-se com Pantaleão.*)

Pantaleão.

Alto a banca ! Faz favor de me dar dous minutos de attenção !

Gregorio.

Não posso ! (*Vae sahindo.*)

Pantaleão. deitando-lhe a mão.

Ouçame, que é negocio importante !

Gregorio.

Não bata no pulpito, com seiscentas bombas !
Vou em serviço... tenho pressa... Passe bem !

Pantaleão.

Não o demoro, camarada.

Gregorio.

Sargento.

Pantaleão.

São só duas palavras.

Gregorio.

Diga lá.

Pantaleão.

Conhece este retrato? (*Dá-lhe uma miniatura.*)

Gregorio.

O meu capitão!

Pantaleão.

Hein? Pois é este o seu capitão?

Gregorio.

Jorge Braga!

Pantaleão.

Jorge Braga, é elle mesmo! (*Aparte.*) Desta vez não me escapará!

Gregorio

Com a breca! Traz noticias delle? Onde se metteu? Onde o pozeram? Onde pára? Corre perigo?... Responda, com trinta milhões de bayonetas!

Pantaleão

Abaixe a voz, Sr. sargento! Olhe que eu cá também sei largar cutellos e varredoras, e praguejar quando é preciso, com todos os demonios do inferno!

Gregorio.

E eu não tenho medo de caretas, com todos e mais alguns!

Pantaleão.

Calma... Calma... O tal capitão não está no acampamento?

Gregorio.

Se aqui estivesse, eu não lhe perguntava por elle !

Pantaleão.

Ah ! não está !

Gregorio e Pantaleão, juntos.

Não está com todos os diabos, com cem mil bombas, e seiscentos raios !

Pantaleão.

Mas elle não pertence a esta divisão, companhia ou que demonio seja ? Como é que não está cá ?

Gregorio.

Desappareceu, já lhe disse ! Ninguém sabe por onde anda ! E se dentro de uma hora não se apresentar, reunem o conselho, julgam-n'o, sentenciam-n'o, matam-n'o, fuzilam-n'o, com mil raios -

!

Pantaleão.

Fuzilam-n'o ! (*Aparte.*) Não era essa a morte que eu lhe desejava ! (*Alto.*) Então não está no acampamento, hein ? Isto só no inferno !...

Gregorio.

Nem no inferno !

Pantaleão.

Se eu tivesse a certeza de o encontrar lá !...

Gregorio.

Lá onde ?

Pantaleão.

No inferno, com mil diabos ! Lá mesmo seria capaz de ir procural-o !

JUNTOS } Com todos os diabos ! com cem mil raios !
 } com seiscentas borrascas ! (*Sae.*)

Gregorio.

Pois vá, com seiscentas bombas, com cem mil raios, e todos os diabos !

(*Pantaleão vae sahindo á proporção que pragueja.*)

Gregorio, só, muito calmo.

Está penalizado, como todos nós.

SCENA V

GREGORIO, o AJUDANTE DE ORDENS, OFFICIAES, SOLDADOS, *depois VALENTIM, depois LUIZINHA.*

Gregorio, durante a entrada dos militares.

Ahi vem o ajudante de ordens. Que terá succedido ?

o ajudante, a Gregorio.

Não lhe vejo remedio. E' verdade que o general mandou esperar até o meio dia. Mas se até lá não se apresentar [o capitão, será dada a sentença.

Valentim, entrando.

Parece que já terminou o conselho. Vejamos se encontro o sargento para irmos ao general.

(Dirige-se a Gregorio. O ajudante repara nelle.)

CONCERTANTE

O ajudante.

Que vejo ? ! E' elle !... O capitão !... .

Coro.

O capitão !

O ajudante,

O capitão !

Coro.

E' o capitão !

O ajudante,

Oh, que perigo

Correu, amigo !

Oh, que imprudencia capitão !

Se se demora

Mais uma hora,

Não tinha mais appellação !

Coro.

Se se demora

Mais uma hora,

Não tinha mais appellação !

O ajudante.

Mas... a que vem este disfarce ?

Valentim.

Este disfarce ?... (*Aparte.*) Já entendo...

Já comprehendo :

E' a maldita parecença !

Gregorio. baixo. a Valentim

Ha de calar-se,

Se em salvar seu mano pensa...

Luizinha. que tem entrado e ouvido tudo.

Ai, meu Deus, ai, como tremo !

Eis-me quasi a desmaiar !

Enviuvo, ó Deus supremo,

Antes mesmo de casar !

Valentim.

Ai, meu Deus, ai como tremo !

Meu irmão vim cá salvar,

Mas não vão, ó Deus supremo,

Fuzilar-me em seu logar !

Gregorio.

Elle treme, eu tambem tremo,

Pois o caso é singular...

E' de certo um meio extremo

Pelo irmão aqui passar !

Os outros.

Entre nós de novo o vemos !

Pôde em tempo ainda voltar !

A amizade que lhe temos

Nos fazia receiar.

O ajudante, a Valentim.

Communicar sua presença
Vou neste instante ao general;
Mas—antes disso—com licença :
Venha um abraço fraternal.
(*Abraçam-se.*)

Coro.

Oh ! que perigo
Correu amigo !
Oh, que imprudencia, capitão !
Se se demora
Mais uma hora,
Não tinha mais appellação !

Todos,

Viva o capitão Jorge Braga ! Viva !

Gregorio, baixo.

Agradeça.

Valentim, comprimentando com acanhamento.

Senhores, muito obrigado... muitissimo obrigado... O meu coração... o meu reconhecimento...

Gregorio, baixo.

Bom, o melhor é estar callado.

O ajudante,

Outro abraço, capitão ... e até logo ! (*Sae com os officiaes.*)

Gregorio.

Agora, capitão, vá mudar de fato! Vá vestir o seu uniforme.

Valentim.

O uniforme?!... Ah, sim! Diz muito bem... Vou pôr o uniforme... (*Aparte.*) Que bonita figura hei de eu fazer com o tal uniforme!

Gregorio.

Vamos! não se demore! Lembre-se de seu irmão!

Valentim.

Senhores, vou vestir o meu uniforme. (*A Gregorio.*) Veja lá em que assados me mette vossa mercê!

Gregorio, aos soldados.

Agora, rapazes, vão anunciar á companhia a volta do capitão!

Todos os soldados.

Viva o capitão! Viva! (*Saem, repetindo um motivo do ultimo coro.*)

SCENA VI

GREGORIO, LUIZINHA.

Luizinha.

O Sr. sargento não se zangue com o que lhe vou dizer; mas parece-me que esta troca...

Gregorio.

Schio ! Silencio !... as paredes têm ouvidos ! Deste modo ganhamos tempo, que é o principal. Quando o capitão chegar, o Sr. Valentim despe-se... O capitão enverga a farda, e eil-os depois cada um no seu natural. O capitão aqui, e o Sr. Valentim lá na funillaria.

Luizinha.

Mas vossa mercê não imagina ! O Valentim é um maricas ! Que irá elle fazer com uma farda ás costas ? Nunca me heide esquecer de uma noite em que quasi morreu de susto por causa de um gato que andava pelo mirante !

Gregorio.

Eu o farei espertar ! Aqui, o mais urgente é evitar a sentença ; depois...

Luizinha.

Depois... Veremos ! Mas duvido que o resultado seja bom.

SCENA VII

Os MESMOS, VALENTIM.

Valentim, com o uniforme ridiculamente vestido.

Que tal estou ? Olhem p'ra isto !

Gregorio.

Oh, com os diabos ! Como arranjou isso !

Luizinha.

Que lhe dizia eu ? Olhe para aquella figura !

Valentim.

Então eu não me pareço agora com meu irmão?

Gregorio.

Na cara parece-se; no feitio é que ha grande differença ! Vamos, arreganho ! E' um recruta sem tirar nem pôr ! (*Arranjando-lhe a farda.*)] A farda veste-se assim !

Valentim.

Olhe que me afoga !

Gregorio.

Essa espada não se traz aqui na frente. Isto põe-se atraz ! Assim ! (*Faz o que diz.*)

Valentim.

Nada, essa agora é nova ! A espada estava perfeitamente onde estava ! Assim mette-se-me por entre as pernas ! (*Tropeçando na espada.*) Vê ? Depois, quando quizer tirar a espada, tenho de voltar as costas.... a mim mesmo ? ! Não posso perceber !

Gregorio.

E o chapéo ? Parece que nunca poz um chapéo ?

Valentim.

Destes é a primeira vez, sargento.

Gregorio.

Assim ! (*Põe-lhe o chapéo.*) Agora já parece outro !

Valentim.

Olhe que não vejo senão de um olho !

Gregorio.

Não faz mal. Vamos ! Esse corpo perfilado !
Gesto arrogante ! Passo firme !

Valentim.

Assim ?

Gregorio.

Não, homem [de Deus ! parece-me um velho !

TERCETTO

Valentim.

Faça favor de dar-me uma lição :
Quero aprender !

Gregorio, indo ao fundo.

Vae ver !

(*Descendo a marchar com todo o garbo.*)

Rataplan ! Rataplan ! rataplan !

Plan ! plan ! plan !

Rataplan , plan ! plan !

Valentim.

Agora eu ! (*A Luízinha.*) Vê lá como me saio.
Deste ensaio !

(*Fáz o mesmo que o Gregorio, mas desageitada-
mente.*)

Rataplan , rataplan ! rataplan ! etc.

Luízinha.

Não ! não ! Faça como eu faço !
Commigo aprenda ! Acerte o passo !

(Marcha ainda com mais galhardia que Gregorio.)

Rataplan ! rataplan ! rataplan !

Gregorio.

Muito bem !

Valentim. a Luizinha.

Quem te ensinou ?

Luizinha.

Ninguem !

Muito facil é !

Intuitivo até !

E' vêr, é ver,

E aprender !

Gregorio.

Agora os trez !

(Vão todos ao fundo, e fazem diversas manobras, marchando de um para outro lado.)

Os trez.

Rataplan ! rataplan ! rataplan ! etc.

Gregorio.

Devo advertir-lhe que é preciso praguejar, rogar pragas, fallar no diabo ! Seu irmão está sempre a fazer tremer o mundo !

Luizinha.

Aprendeu com o sargento.

Valentim.

Mas eu, palavra de honra ! eu sou uma pomba sem fel... Nunca me zango !... Eu posso lá praguejar !

Gregorio.

Hade praguejar por força ! Assim ! (*Furibundo.*) Má raios te partam, diabo ! Maldito sejam ! Vá para os infernos, com tresentas granadas !

(*Valentim repete todas essas pragas n'um tom suave.*)

Luizinha.

Isso não é assim ! Parece uma menina ! Com mais alma ! Assim : Má raios te partam ! Maldito sejam ! Vae para os infernos, com tresentas granadas !...

Gregorio.

Bello ! Bello ! Muito bem !...

Valentim.

Que talento de mulher !

Gregorio.

E' uma joia ! Era capaz de commandar a companhia melhor que vossa mercê.

Valentim.

Melhor do que eu, qualquer. Emfim, veremos como me saio desta... O que me ensinaram até agora, passe... mas fiquem na certeza de que lá coisa de polvora... é que não vae nada ! (*Entra o ajudante de ordens.*) Bom, eil-os commigo !

SCENA VIII

OS MESMOS, O AJUDANTE DE ORDENS.

O ajudante.

Capitão Jorge Braga, acaba de ser dissolvido o conselho de guerra que o havia de julgar.

Valentim, baixo a Luizinha.

Que fortuna ! Salvei meu irmão !

O ajudante.

E venho dizer-lhe...

Valentim.

Ai, Jesus ! o que ?

Gregorio, aparte.

Tremo !

O ajudante.

O general resolveu castigal-o pela sua prolongada ausencia. Ordena que se recolha á sua baraca !

Gregorio, aparte.

Oh, que affronta para o meu pobre capitão !

Valentim, aparte.

Se ésó isso... (*Alto.*) Pois diga ao general que estimo muito !

Gregorio, baixo.

O' diabo, é o contrario ! Mostre-se sentido !

Valentim, emendando.

Sim, que estimo muito vel-o bom... Mas que esta affronta é muito... é... Má raios te partam, diabo! Maldito sejas! Vae para os infernos, com tresentas granadas!

O ajudante.

Comprehendo que isto o afflija! A um valente e brioso militar muito custa a detenção em dia de batalha!

Valentim.

Ah! vae haver hoje batalha? (*Contentissimo*.)
Pois então...

Gregorio, baixo.

Mostre-se sentido, com todos os demonios!

Valentim, n'outro tom.

Com que então, vae haver hoje batalha? Com tresentos milheiros de diabos! E não irei á frente de minha companhia! E não sentirei o zunir da polvora, nem ouvirei o cheiro das balas! Não me acharei entre metralhas e granadas!... rodeado de mortos... Ah! sangue! sangue!... E eu que gósto tanto de ver sangue!

O ajudante.

Capitão, entregue-me a sua espada!

Valentim.

Pois quer só a espada? E então a bainha?

Gregorio, baixo.

Cala-te, animal! (*Aparte*.) Deshonrado! Deshonrado o meu capitão!...

Valentim.

Diga ao general que muito me custa separar-me della ! Emquanto á palavra de não ir á batalha, dou-lh'a com muito pra... (*Gregorio puxa-lhe a farda.*)... com muito pezar. Mas fique certo de que a cumprirei religiosamente.

O ajudante.

Bem, capitão ! Talvez que o general, em vista do seu, arrependimento, lhe mande dar a liberdade !

Valentim.

Não, meu amigo, isso é que não ! O castigo é grande certamente, mas eu o mereço, oh ! se mereço ! E' duro, bem sei, mas—vamos lá !—é preciso um grande exemplo !

O ajudante.

A's suas ordens. (*Sae.*)

SCENA IX

VALENTIM, GREGORIO, LUIZINHA.

Valentim.

Louvada seja Nossa Senhora do Livramento !
Meu irmão está salvo !

Luizinha.

Preso n'um dia de batalha ! Vae tudo ás mil maravilhas !...

Gregorio.

Maravilhas ! Chamam-lhe maravilhas !... Não sabem que um militar prefere morrer a ficar de braços cruzados n'um dia de combate !

Valentim.

Mas eu cá não sou militar...

Gregorio.

Vossa mercê agora não é vossa mercê ; é seu irmão ! Vou arranjar este negocio !

Valentim.

Que negocio ? Olá, sargento ! não se metta onde não é chamado !

Gregorio.

Volto já. Tudo se ha de arranjar. (*Sae.*)

Valentim.

Que diabo será ?... Entra alli, Luizinha... vou ver o que faz aquelle espirra-canivetes.

Luizinha.

Veja lá, Valentim, não vá fazer asneiras ! (*Entra na barraca.*)

Valentim.

Descança. (*Dirige-se para o fundo ; encontra-se com Pantaleão de Aragão.*)

SCENA X

VALENTIM, PANTALEÃO.

Pantaleão, aparte.

E' elle ! (*Alto.*) Alto a banca, capitão : eu sou Pantaleão Beltrão de Aragão !

Valentim.

Estimo muito. (*Aparte.*) ão, ão, ão ! E' um cão que ladra !

Pantaleão.

Sou capitão da escuna *Conceição*; cheguei do reino ha cinco dias.

Valentim.

Estimo ainda mais.

Pantaleão.

Sou irmão de D. Guiomar Beltrão de Aragão, e filho do finado capitão-mór Elesbão Romão de Aragão, senhor de engenho que foi na Ipojuca.

Valentim.

Que o seja vossa mercê por muitos annos e bons. (*Aparte.*) E' uma familia onomatopaica.

Pantaleão,

Portanto, já deve saber o que pretendo.

Valentim.

Por ora, não, senhor.

Pantaleão.

Como ? ! Com seiscentos jacarés ! Pois nega ter, durante a minha ausencia, seduzido minha irman, D. Guiomar Beltrão de Aragão ? !

Valentim.

Eu ? !—O' homem, isso não são brincadeiras !

Pantaleão, mostrando-lhe um maço de cartas.

Comquanto não estejam assignadas, negará que estas cartas sejam suas ?

Valentim, aparte.

A lettra de meu irmão !...

Pantaleão.

Vejo que ficou desmastreado ! Estas cartas não me permittem, com tresentos tubarões ! duvidar da deshonna de minha irman, D. Guiomar Beltrão...

Valentim.

De Aragão, já sei... é que... (*Aparte.*) O maroto de meu irmão metteu-me em bons lençóes...

Pantaleão.

Capitão, uma reparação, ou morre pela minha mão, como um cão !

Valentim, affectando sangue frio.

Entendamo-nos, Sr. Aragão... que diabo ! Vamos ver se nos entendemos...

Pantaleão.

Uma reparação, com mil bujarronas !

Valentim.

Faça favor de attender-me, e não me falle em armas de fogo. (*Aparte, sentando-se.*) Ganhemos tempo, até que appareça meu irmão, para se entender com elle... (*Alto.*) Enquanto ao dar a minha mão de esposo a sua mana, não digo que não... por que emfim... ella é moça... bonita... (*Aparte.*) Será?... (*Alto.*) Bem educada ..modesta... Em posição, podemos perfeitamente medir-nos: vossa mercê é capitão de navio; eu sou capitão do exercito: não ha differença nenhuma. O Sr. seu pae tambem era capitão, com a differença de que era capitão-mór... Os nossos genios é que se não combinam... Emfim, para a semana que vem, fallaremos... Sou um seu criado! (*Quer retirar-se.*)

Pantaleão, furioso.

Com mil raios! Pensa que sou homem que se contente com uma simples palavra, quando se trata da honra de sua familia? Aqui tem este documento, que o senhor ha de assignar! E, se o não fizer, deito fogo ao paiol da polvora!

Valentim, depois de ler.

O que?! Uma promessa formal de casamento

Pantaleão.

Justamente. Tomámos, em conselho de familia, a resolução de apresentar-lhe esse documento! E eu, como mais velho, é que lhe venho dar abordagem.

Valentim, aparte.

Escapo do conselho de guerra, para cahir no conselho de familia...

Pantaleão.

Assigna ou não ? !

Valentim.

Isto... sim, isto da gente casar é negocio muito serio... E' preciso meditar...

Pantaleão, tirando duas pistolas.

Aqui estão duas pistolas ! Proponho-lhe um duello ! Saiamos !...

Valentim, a tremer.

Um duello !... (*Aparte.*) Ui ! e eu que não me lembrava que estava detido... (*Alto.*) Pois bem ! Saiamos !...

Pantaleão.

Ora graças a Deus !...

Valentim.

E desde já o previno que ha de ser um duello a valer !

Pantaleão.

Como ? !

Valentim.

Não dou quartel !

Pantaleão.

Nem eu, com mil tempestades !

Valentim.

Um de nós ha de ficar morto !

Pantaleão.

Certamente.

Valentim.

E o outro vivo.—Marchemos! (*Parando de repente.*) Má raios te partam, diabo! Maldito sejas! Vae para os infernos, com tresentas granadas!

Pantaleão.

Que é lá isso?

Valentim.

Não posso sahir!

Pantaleão.

Porque?

Valentim.

Estou detido aqui! Bem vé... não tenho espada... Desgraçado de mim! Não tenho espada!

SCENA XI

Os MESMOS, GREGORIO.

Gregorio. entrando a correr, com a espada de Valentim na mão.

Victoria! Victoria, meu capitão!... O general já lhe concedeu perdão, e manda restituil-o á liberdade. Aqui tem a sua espada!

Valentim. aparte.

O que tu queres é matar-me, assassino!

Pantaleão.

Já não ha obstaculo que se nos interponha.

Valentim.

Engana-se redondamente. Eu sou um official experimentado, sei a minha obrigação, e d'aqui não sahirei sem uma licença assignada pelo general ! Pois que ! Porque um sargento vem dizer-me isto, hei de lhe dar credito ? Eu não sou nenhum soldado de chumbo ! Não recebo ordem de meus inferiores ! D'aqui não saio sem o preto no branco ! Nada !... não saio !...

Pantaleão.

Quer uma ordem assignada ?... Já lh'a trago !
(*Sae precipitadamente.*)

SCENA XII

VALENTIM, GREGORIO, LUIZINHA.

Valentim.

Vossa mercê metteu-me em boas !

Gregorio.

Hein ?

Luizinha, entrando.

Que foi fazer, sargento ?

Gregorio.

Porque ?

Valentim.

Nada, uma brincadeira ! Pelo que vejo, meu irmão seduzio a irman d'este Aragão Furacão que acaba de sahir !

Luizinha.

Este homem quer á viva força bater-se com Valentim, julgando que é o irmão. Ouvi tudo d'alli.... Tremia de medo !

Gregorio.

Então ainda se queixa de mim por ter salvo a honra de seu irmão ? Alcancei-lhe a entrega da espada e o commando da companhia indicada para marchar primeiro e tomar o reducto ao inimigo !

Valentim, horrorisado.

Um reducto ? ! Misericordia ! !....

Luizinha.

Isso é que não consinto.

Gregorio.

Esteja callada, faça favor.

Luizinha.

Valentim, prohibo-lhe que tenha coragem !

Valentim.

Por esse lado, fica descansada.—Não me faltava mais nada ! Que diabo, eu não sou soldado, sou funileiro ! Não faço proezas, faço canecas. Sou muito amigo de meu irmão, mas isto assim tambem já passa de amizade ! Já fiz bastante por sua causa !

Gregorio.

Agora é pegar-lhe com um trapo quente ! Se descobrem que não é o capitão, fuzilam-n'o !

Valentim.

Onde me vim metter, meu Deus ? !

Gregorio.

Faça de conta que embarcou. Não ha remedio senão esperar a borrasca ! Se tem amor a seu irmão, é marchar para a frente, com mil diabos ! Nem todos, que entram em campanha, morrem ! Aqui estou eu que sempre sahi são e salvo !

Valentim,

Vossa mercê está habituado. As balas já o conhecem e não lhe fazem mal. Mas eu....

Luizinha, chorando.

Valentim, se vaes bater-te, nunca mais te verei !

Valentim.

Disso é que eu tenho medo, Luizinha. Eu, mettido n'uma batalha, sem entender nada d'aquillo... Dão-me cabo do canastro com toda a certeza !

Gregorio.

Cobril-o-ei com o meu corpo....

Valentim.

Sim, mas, se o atravessarem, a mim tambem me hade tocar alguma coisa .. Nada ! E' impossivel.... Vou fugir !

Luizinha.

Isso ! isso !

Gregorio.

Pois bem ! Fuja, com trinta milhões de granadas ! Mas saiba que é a vossa mercê que seu irmão vae dever a sentença de morte !

Valentim.

Ai, Jesus ! que farei ? Não haverá algum remédio para ser valente sem correr perigo ? (*Ouvem-se descargas de fuzilaria.*) Ai !

Gregorio.

Ouve ? Já começam as guerrilhas !

Valentim.

Nossa Senhora do Livramento me accuda !

Gregorio, tomando-lhe o braço.

Vamos ! Valor ! Um homem é um homem ! (*Musica na orchestra.*) Olhe, ahi vem a companhia formada ! Que prazer terá seu irmão quando souber que foi elle quem tomou o reducto ! (*A orchestra toca com toda a força. Aparece a companhia em ordem de marcha.*)

SCENA XIII

OS MESMOS, O AJUDANTE DE ORDENS, SOLDADOS.

CANTO

O ajudante.

A companhia espera o capitão.

Gregorio, a dous soldados

Vão buscar o cavallo !

(*Os dous soldados saem.*)

Valentim.

Que grande abalo !

Que commoção !

Foram buscar o cavallo...

Ai, que triste situação !
Já não me posso
Nas pernas ter !
Tenho medo que me coço !
Vou de medo aqui morrer !

(Os dous soldados voltam, trazendo pela redea um magnifico cavallo, perfeitamente ajaezado.)

Coro.

O cavallo ! o cavallo !

Gregorio.

Eis o cavallo ardido
Do grande Jorge Braga,
O militar indomito
Que nunca fraquejou !
Que o leve á guerra intrepido !
Que triumphante o traga !
Cavallo assim tão trefego
Nunca ninguem montou !

Coro.

Eis o cavallo ardido etc.

Gregorio, a um soldado, depois de agarrar em Valentim,
que treme.

Queira ajudar-me a pol-o em cima.

(Aparte)

O desgraçado não se anima !

(Conseguem a muito custo fazer com que Valentim monte a cavallo.)

Valentim, montado

Adeus, ó Luizinha !

Adeus, amores meus !

Adeus, querida minha !

Talvez p'ra sempre adeus !

Valentim e Luízinha, clamando

Adeus ! adeus ! adeus !

Coro.

Viva e reviva o capitão !
De exemplo sirva ao fracalhão !

*(São Valentim á frente de toda a companhia. Segue-
os o ajudante de ordens.)*

SCENA XIV

LUIZINHA.

Valentim, meu marido ! Levam-n'ó !... e eu não
tenho forças para acompanhal-o ! Infeliz ! Que vae
elle fazer no meio de uma batalha ? Se não morrer
de uma bala, morre de susto com toda a certeza !
(Ouvem-se descargas,) Virgem Santa ! *(Tapa os ouvi-
dos).* Agora é que elle morre ! *(Cae de joelhos.)*

PRECE

Virgem purissima,
Virgem das Dores,
Ai, compadece-te,
Virgem, de mim !
Roubam-me os candidos,
Castos amores !
Resgatem lagrimas
Meu Valentim !

SCENA XV

LUIZINHA, PANTALEÃO.

Pantaleão, entrando a correr.

Sr. capitão Jorge Braga, aqui tem a ordem !

Luizinha, erguendo-se.

Quem é? Quem procura? Traz noticias d'elle?
Mataram-n'o?

Pantaleão.

Mataram-n'o? A quem?

Luizinha.

Ao capitão, a meu marido!

Pantaleão.

Que diz, minha senhora? O capitão é casado?

Luizinha.

Quasi. Deviamos casar hontem. Mas alguns
contratemos houve, e só amanha seremos marido
e mulher!

Pantaleão.

Ah! infame! Já agora comprehendo porque
elle andava a bordejar... bordejar!... Mas hei de
encontral-o! Quero beber-lhe o sangue, com mil
diabos!...

Luizinha.

Tambem este! Toda a gente quer matal-o,
coitado!

Pantaleão.

Elle onde está?

Luizinha.

A estas horas no outro mundo. Não ouve a^s descargas ? Foi com os soldados tomar um reducto. Matam-n'o sem compaixão !

Pantaleão.

Ha um Deus para os velhacos ! Morrerá com honra, como morrem os heróes !

Luizinha.

Mas porque deseja que morra o meu Valentim?

Pantaleão.

Valentim ? Quem lhe falla em Valentim ? Refiro-me ao capitão Jorge Braga ! Esse monstro deshonorou a familia Beltrão de Aragão !

Luizinha.

Ah ! é o tal capitão de navio ! Se o Valentim escapar ás balas dos hollandezes, virá com certeza morrer ás mãos deste Ferrabraz ! (*Ouvem-se acclamações.*)

Pantaleão.

Vozes...

Vozes.

Viva o capitão Jorge Braga ! Viva !

Pantaleão.

O capitão Jorge Braga ! Acclamam-n'o !

Luizinha, contente.

Será possível ?!

SCENA XVI

OS MESMOS, VALENTIM, GREGORIO, OFFICIAES, SOLDADOS, *depois* o AJUDANTE DE ORDENS.

(*Valentim entra triumphantemente, a cavallo, trazendo algumas bandeiras hollandezas. Gregorio vem a seu lado.*)

Marcha e coro.

Victoria ! victoria !
Sahio vencedor !
Cobrio-se de gloria,
De brio e valor !
E' coisa notoria
Que um bravo aqui está !
Direito p'ra historia
D'aqui marchará !

Gregorio, a Valentim.

Animo ! já não ha perigo !

Luizinha.

Como te foste, ó meu amigo ?

Valentim.

O meu cavallo é que deu geito :
Não quero fama sem proveito.

O Ajudante.

Senhores, em paga
De tanto valor,
Vae o Sr. Jorge Braga,
Por ordem superior,
Ser elevado a major !

Coro.

Viva o major !

Valentim, aparte.

Si eu sou major,
Deve o cavallo
Ser coronel...

O Ajudante.

O general quer abraçal-o :
Vamos ao quartel !

Coro.

Vamos ao quartel !

Pantaleão, aparte.

Hei de ir tambem...

Valentim, a Luizinha.

Commigo vem...

Coro

Victoria ! victoria ! etc.,

ACTO TERCEIRO

Sala no palacio do governador, communicando ao fundo com a capella do palacio por uma larga porta, na qual pende longo reposteiro. A' esquerda, 2º plano, a porta da entrada principal. A' direita, na mesma direcção, uma porta dizendo para os aposentos do governador. A' esquerda, 1º plano, pequena porta. A' direita, uma mesa com instrumentos de mathematicas e de um mappa geographico.

SCENA PRIMEIRA

CONVIDADOS (Cavalheiros e Senhoras), depois VALENTIM, *da porta principal, trazendo consigo as bandeiras do segundo acto, acompanhado pelo AJUDANTE DE ORDENS e outros OFFICIAES; depois GREGORIO e LUIZINHA; depois UM REPOSTEIRO.*

CORO DE CONVIDADOS

Que esplendido sarão ! que lindo baile fulgido !
Do dia o grande heroe merece muito mais !
Mathias de Albuquerque está satisfeitissimo,
E honra dest'arte a flor dos seus officiaes !

(Ouvem-se acclamações.)

Eil-o ahi vem ! Que Deus o traga !
E' o valoroso Jorge Braga !

Valentim, entrando e declamando.

Obrigado, meus senhores, muito obrigado !

Coro.

Tu que p'r'a gloria vaes e da victoria vens,
Mais uma vez recebe os nossos parabens.

(*Grandes mesuras.*)

Valentim.

Minhas senhoras... meus senhores... confundem-me tantos cumprimentos. Creiam que nada fiz, nada, absolutamente nada. Outro qualquer faria o mesmo.

O ajudante.

O major é a modestia personificada !

Valentim, aparte.

Quantas honras estou usurpando ao meu cavallo ! (*Vendo Gregorio e Luizinha que entram e se approximam timidamente.*) Ah ! estão aqui ? Meu amigo, endoudeço, não ha que ver ! Tenho que ir á presença do governador ; verá que não digo palavra e faço asneira !

Luizinha.

Cautela !

Gregorio.

Não esqueça a lição, e falle o menos que poder.

O reposteiro, apparecendo á porta dos aposentos do governador.

O Sr. governador recebe o Sr. major Jorge Braga, e os demais Srs. officiaes que o acompanham.

Valentim.

Ágora é que são ellas !

Gregorio.

Animo !

Luizinha,

Coragem !

O ajudante.

Vamos !

(Valentim e os militares entram nos aposentos do governador; os demais convidados espalham-se e saem por diversas direcções. Só ficam em scena Gregorio e Luizinha.)

SCENA II

GREGORIO, LUIZINHA.

Luizinha.

Diga-me, Sr. Gregorio, nós ficamos aqui ?

Gregorio.

Esteja tranquilla, ninguem nos mandará sahír... Hoje é dia de saráo... e o jardim do palacio está aberto ao publico.

Luizinha.

Isso é o jardim; mas nós estamos...

Gregorio,

Dentro de casa ; que tem isso ? Ai, que a menina está me sahindo ainda mais medrosa que o trangalhadas do seu noivo ! Hontem, no campo, parecia outra, com seiscentas bombas !

Luizinha.

Era para dar-lhe coragem. Hoje, confesso que o que mais me preoccupa é o tal Pantaleão de Aragão.

Gregorio.

Ora, esqueça-se disso !

Luizinha.

Tenho muito medo que elle mate o meu pobre Valentim...

Gregorio, impaciente.

E que importa ?

Luizinha.

Que importa ? E' boa !

Gregorio.

Não é isso o que me inquieta. Receio que o lactoeiro faça alguma em presença do governador... e Mathias de Albuquerque não é para graças. Queira Deus lhe aproveite a lição que lhe dei hoje pela manhan. «Vae vossa mercê, disse-lhe eu, vae vossa mercê, colloca-se diante do governador, e diz-lhe : — «Aqui tem vossa senhoria as bandeiras que eu tomei ao inimigo : onde quer que as ponha ? » — Ah ! fosse a coisa commigo com seis mil bacamartes !... Mas o seu noivo é um maricas, o que aliás não impede que seja um grande herae.

Luizinha.

Um grande heroe ?

Gregorio.

Heroe á força, é verdade, mas heroe ! Não foi o primeiro nem será o ultimo !

COPLAS

I

De pimpão ganha fama um soldado
Que, em ouvindo o troar do canhão,
Cae sem forças no chão desmaiado,
Se das tripas não faz coração.
Mas no campo, no ardor da peleja,
Capacita-se o grande poltrão
Que se morre o que mais esbraveja,
Tambem morre o que é menos pimpão...

Isto dóe !

Isto dóe !

Faz-se á força um grandissimo heróe !

II

Sem que um typo á victoria se arroje,
Acontece ficar vencedor ;
Muitas vezes, pensando que foge,
Vae prodigios obrar de valor !
Deste modo um poltrão, que não sente
Sem tremer o rufar do tambor,
Ganha reputação de valente
E vae postos galgando a vapor !

Isto dóe !

Isto dóe !

Faz-se á força um grandissimo heróe !

Luizinha, prestando ouvidos.

Sargento, não ouve ?

Gregorio.

Nada !

Luizinha, indo á porta dos aposentos do governador.

Não me engano...

Gregorio.

Que é ?

Luizinha.

Um fallatorio...

Gregorio.

Sim, tem rasão, agora ouço. Não ha que ver : seu noivo entornou o caldo.

Luizinha.

Estou mais morta que viva ! Vá ver o que foi, sargento.

Gregorio, entreabrindo a porta e espreitando.

Não se engana a menina, com mil raios ! veja... lá... no fundo do corredor... ao pé da escada... formam-se grupos de officiaes.... parecem todos inquietos. Que aconteceria, com cem mil buchas ? !

Luizinha.

Naturalmente deram pelo embuste. Matam-n'o com toda a certeza !

Gregorio, sempre espreitando.

E' elle... vem descendo a escada....

Luizinha.

Preso ?

Gregorio.

Não,—livre ; mas pallido, desfeito.... Já me vio..... Dirige-se para este lado.... Vamos saber tudo !...

Luizinha.

Sargento, parece-me que vou perder os sentidos.

Gregorio.

Irra ! transfira o seu faniquito para amanha com todos os diabos !...

SCENA III

OS MESMOS, VALENTIM, *que entra amedrontado.*

TERCETTINO E COPLAS

Gregorio, tomando-o por um braço.

Que aconteceu ?

Luizinha, tomando-o pelo outro braço.

Que succedeu ?

Valentim.

Tudo perdido está !

Luizinha.

Meu Deus !

Gregorio.

Explique-se !

Valentim.

Vá lá !

I

Passei pelo corredor ;
Entrei n'um grande salão ;
E o nosso governador,
Ao ver-me estendeu-me a mão ;
Dei-lhe as bandeiras
Que ao inimigo
Eu... Jorge, digo...
Hontem ganhou ;
E elle, contente,
C'um forte abraço
Meu espinhaço
Quasi quebrou !

Os tres.

E elle, contente,
C'um forte abraço
Meu) espinhaço
Seu) espinhaço
Quasi quebrou !

Valentim.

II

Nisto, um velho militar
Entra tambem no salão,
E ao governador vae dar
Um papel que traz na mão...
Ergue-se em furia,
Todo irascivel,
Esse terrivel
Governador !
—Levar a breca
Na flor da idade

E', na verdade,
Contristador !

Os tres.

Levar a breca, etc,

Gregorio.

Mas, afinal de contas, que dizia o tal papel ?

Valentim.

Não sei, mas supponho que era uma denuncia anonyma. O governador abriu-o, leu-o, amarrotou-o encolerisado, e, olhando fixamente para mim, disse-me :—« Ordeno-lhe, Sr., que não saia do palacio sem minha ordem.»—Sim, Sr., respondi eu sem saber o que dizia nem de que freguezia era.

Luizinha.

O governador sabe tudo ! Meu pobre Valentim !

Gregorio.

Meu pobre capitão ! Mas quem seria o patife que nos trahio ? Se eu o soubesse ! ai, que se eu o soubesse, com trinta mil raios que o partam !...

Valentim.

Vem gente... chegou a minha ultima hora !

Gregorio.

Vamos ! calma... dignidade... Pense na farda que traz vestida...

Valentim.

Isto não é uma farda : é uma camisa de onze varas. (*O governador Mathias de Albuquerque apparece á direita.*)

SCENA IV

OS MESMOS, MATHIAS DE ALBUQUERQUE.

O Governador.

Ah ! está alli...

Os tres, aparte.

O governador !...

O Governador, fallando para dentro.

Não quero que interrompaes a conversação que vou ter com o major Braga. Durante esse tempo diverti-vos ; por emquanto não ha motivo para tristezas... Dansae um minuete... (*A Valentim.*) Temos que conversar. (*Vendo Gregorio e Luizinha.*) Que gente é esta ?

Gregorio, com uma continencia.

Sargento Gregorio, meu governador.

Valentim, imitando-o.

Sargento Gregorio, meu governador.

O Governador.

Conheço-te de nome... és um bom soldado.

Gregorio.

E' favor.

Valentim.

E' favor.

O Governador.

E esta menina?

Valentim.

Esta menina é... é uma menina... miuha cunhada, mulher de meu irmão... que é latoeiro... não quiz nunca separar-se de mim...

O Governador.

Compreendo... no meio de tantos perigos...

Valentim, aparte.

Está a zombar de mim.

O Governador.

Sargento, manda transportar para aquelle quarto a bagagem do major; entrarás pela escada secreta que dá para o quintal. Ahi encontrarás quem te encaminhe.

Valentim, admirado.

A minha bagagem!

O Governador, tomando Valentim á parte.
Sim, eu quero tel-o á mão.

Valentim, aparte.

Ai! á mão!...

O Governador.

Deixem-nos!

Luizinha, a Valentim, desesperada.
Deixar-te... n'uma occasião destas...

Valentim.

Queira desculpal-a, meu governador...

O Governador.

Esta apprehensão é natural. (*Indicando a pequena porta da esquerda.*) A menina póde dispor d'aquella alcova durante algumas horas.

Valentim, baixo a Luizinha.

Algumas horas, ouves? Parece que a coisa não se demorará muito!

O Governador, a Valentim.

A separação parecer-lhe-á depois menos penosa.

Valentim.

A separação, ouves?

Gregorio, baixo a Valentim,

Tenha coragem, com mil infernos! (*Baixo a Luizinha.*) Venha!

Luizinha.

Que irão fazer-lhe, meu Deus!

Valentim.

Adeus, Luizinha, adeus! (*Abraça-a e beija-a ds escondidas do governador. Gregorio separa-os e leva Luizinha; saem pela pequena porta da esquerda.*)

SCENA V

VALENTIM, O GOVERNADOR.

O Governador.

Estamos sós.... ouça-me....

Valentim, esforçando-se por se mostrar tranquillo.

A's ordens do meu governador.

O Governador.

Recebi, em sua presença, uma communição que me encheu de colera !

Valentim, supplicante.

Mas....

O Governador.

Passou, felizmente. Estou agora perfeitamente tranquillo. Mas imagine que nesse papel me participavam que os hollandezes attaccaram a povoação de Serinhaem !

Valentim.

Hein ? Como ? (*Aparte.*) E eu temia ! Agora respiro ! (*Alto.*) Com que então, os Srs. hollandezes... ?

O Governador. com mysterio.

Occuparam a povoação, apoderaram-se do tenente-coronel Rodovalho, que commandava a guarnição alli destacada, e fuzilaram-n'o !

Valentim.

Fuzilaram o tenente-coronel Rodovalho? aquelle excellente Rodovalho?... (*Aparte.*) Nunca o vi mais gordo...

O Governador. com impeto.

Guerra ! guerra sem treguas nem piedade !

Valentim. procurando animar-se.

Sem piedade !

O Governador.

Guerra terrível ! O sangue pede sangue !

Valentim.

Pois demos-lh'o ! (*Pragueja como no segundo acto.*)

O Governador, andando de um lado para o outro.

Ah ! corja de infieis ! assassinaes cobardemente um homem que não vos poderia offerecer resistencia ? Pois bem ! não vos enviaremos um parlamentar, que vos obrigue a abaixar humildemente a cabeça ; enviar-vos-emos um terrível guerreiro, um heróe que não conhece perigos nem hesitações ! (*Parando em frente de Valentim e pondo-lhe a mão no hombro.*) Esse heróe, eil-o !

Valentim, cahindo n'uma cadeira.

Ai !

O Governador, sem dar attenção a Valentim e indo examinar o mappa geographico que está sobre a mesa.

Nada de piedade, major, nada de commiserção ! A coragem, quasi sobrehumana, que hontem mostrou, assegura-nos o successo das nossas armas. Não consulte o seu coração ; consulte unicamente a sua espada ! (*Valentim, sem poder fallar, tem respondido por gestos a tudo isto.*)

Valentim,aparte.

Eu estoiro ! Precisava sangrar-me !

O Governador.

Partirá d'aqui a tres horas.

Valentim, balbuciando.

D'aqui a tres horas ? (*Ergue-se.*) Mas, meu Sr, eu não estou preparado....

O Governador.

Comprehando... Quer combinar commigo o plano de campanha. E' muito acertado ! Reconheço nisso um bom militar. Aqui temos o mappa de Pernambuco. (*Vae sentar-se á mesa.*) Sente-se diante de mim.

Valentim, aparte, approximando uma cadeira.

Antes uma duzia de reductos ! (*Senta-se.*)

O Governador.

Marquemos os pontos estrategicos... Repare... os hollandezes estão aqui... cá está o ponto atacado... As nossas tropas estão divididas em dous troços, um aqui, em Jaboatão... outro no Recife. Que fará o major ?

Valetim, depois de ter por muito tempo examinado attentamente a carta.

Eu ?

O Governador.

Sim, vejamos...

Valentim.

E vossa senhoria ?

O Governador, com modestia.

Eu ia por aqui... pelo Cabo... pois, como sabe, aqui, por Nossa Senhora do O'. não ha estrada que preste.

Valentim.

E' justamente a minha opinião.

O Governador.

Mas se o inimigo se dividisse, e atacasse a vanguarda pelo rio Formoso, e a rectaguarda pela Gamelleira, como vossa mercê salvaria o centro ?

Valentim.

O centro ? o centro ? Vossa senhoria comprehende muito bem que o centro é o que se deve salvar em primeiro logar, porque o centro.... sim, que diabo ! o centro... é tão importante !... O governador naturalmente tem lá a sua idéa....

O Governador.

Eu atravessaria o rio Serinhaem e occultava-me no matto.

Valentim.

Pois eu, salvo melhor aviso... eu atravessaria o rio e occultava-me no matto,—aqui. (*Aponta no mappa*).

O Governador.

Mas é justamente o que eu acabo de dizer.

Valentim.

N'esse caso, somos da mesma opinião... Eu julguei que vossa senhoria preferisse...

O Governador

Que ? Vir por mar, e entrar na barra das Jangadas ? Nunca !

Valentim.

Nunca ! nunca ! E' preciso atravessar o matto e occultar-se no rio .. não ! quero dizer... atravessar o rio e occultar-se no matto.

O Governador, erguendo-se.

Muito bem, major, estamos perfeitamente entendidos... E' preciso que em cinco ou seis dias se decida esta campanha; os hollandezes desejam internar-se, e convem frustrar-lhes os planos. O major vae arriscar os seus dias; mas os homens de sua tempera não fazem caso da vida.

Valentim, encolhendo os hombros com ar de pouco caso.

Oh! (*Arrepellido.*) Entretanto, confesso que esta commissão causa-me serios transtornos... Depois da guerra, a gente pensa em descansar... Eu estou com um casamento meio tratado...

O Governador.

Que está dizendo? Não tem o direito de recusar!...

Valentim.

Bom... se não tenho o direito...

O Governador.

E eu terei muito prazer em recommendal-o á protecção de el-rei D. Felippe III. (*Sae pela direita.*)

SCENA VI

VALENTIM, depois PANTALEÃO.

Valentim,

Bonito! lá vou eu para Serinhaem, um lugar onde fuzilam os tenentes-coroneis! Que me farão elles a mim, que sou um simples major? Que farei? Dizer que não quero? Fugir? Então pagará tudo meu irmão! Estou bem arranjado!

COPLAS

I

Sou, por mal dos meus peccados
Neste mundo perpretados,
O mais bravo dos soldados
E o beijinho dos heróes !
Eu não gósto de ver fardas,
Tenho horror ás espingardas !
'Stou mettido em calças pardas !
'Stou mettido em mãos lençóes !
Que destino traíçoero !
Na batalha vae morrer
O funileiro
Menos guerreiro
Que póde haver !

II

Se uma bala vem perdida
Que em dous homens me divida,
Perco logo a bella vida,—
Não a perde meu irmão !
Mas, se escapo (o que duvido)
Sem sequer ficar ferido,
Meu irmão é promovido
E eu não tenho promoção !
Que destino traíçoero ! etc.

Pantaleão. entrando.
Andava a dar-lhe caça, senhor !

Valentim. aparte.
Ai, ai ! agora este ! Era só o que me faltava !

Pantaleão.

Segui-o desde Jaboatão só para o provocar de novo. Agora venho com tenção diversa. Cedi ás supplicas e ao pranto de minha irman... jurei que ferrava o panno... bem vê: estou em calmaria podre .. nem sequer praguejo, com um milhão de jacarés ! Aqui tem as suas cartas e o seu retrato ; faça o favor de restituir-me tambem as cartas de minha irman.

Valentim, balbuciando.

As cartas... sim... quer as cartas, não é isso ?

Pantaleão.

E' preciso que não fique uma só em seu poder ; entende ?

Valentim.

Entendo. Mas é que eu não as tenho commigo.

Pantaleão.

Com seiscentos milhões de diabos ! não espero nem mais um ninuto ! As cartas !..

Valentim.

Preciso ir buscal-as... e não me dão tempo para isso. Parto para Serinhaem agora mesmo... Não sabem que fuzilaram o Rodovalho ? Não pude obter que transferissem a viagem... nem mesmo alegando eu negocios de familia... o meu casamento...

Pantaleão,

O seu casamento ?

Valentim, aparte.

Escapolio-me !

Pantaleão.

Pois casa-se. e não é com D. Guiomar Beltrão de Aragão ?

Valentim.

Não ha meio de conversar com este homem ! E quem lhe disse que não é com D. Guiomar Beltrão de Aragão que me caso ?

Pantaleão.

Que ouço ! Será possível !

Valentim.

Ja se vê que é possível.

Pantaleão.

Bem ; vejo que é honrado... como um marinheiro ! Recusou uma reparação á minha violencia... e agora vem conceder-m'a de motu proprio ! Bravo !

Valentim, aparte.

De motu proprio, ladrão !

Pantaleão.

Mas dizia então que lhe não foi possível obter transferencia da viagem ?

Valentim.

Debalde fiz ver que isto de ir a Serinhaem tanto podia ser hoje como amanha : não me attenderam !

Pantaleão.

Pois hão de attender-me a mim !

Valentim, aparte.

Alcançará elle ?

Pantaleão.

Tive occasião de prestar um dia um grande serviço a Mathias de Albuquerque, e elle prometteu satisfazer o primeiro pedido que eu lhe dirigisse.

Valentim.

Pois peça-lh'o, peça-lh'o, meu bom cunhado !

Pantaleão, tomando a mão de Valentim.

Oh ! essas palavras tornam-me feliz, com mil diabos ! Que alegria vae ter minha irman, que está aqui, no palacio, á minha espera, lá embaixo ! Jorge, dou-lhe a minha palavra de honra que não partirá solteiro ! (*Sae apressado pela direita.*)

SCENA VII

VALENTIM, depois **LUIZINHA**.

Valentim.

Uma transferencia ! Estou salvo !

Luizinha, apparecendo com precaução.

Ainda estás vivo ?

Valentim.

Creio que sim. O governador não sabe de nada.

Luizinha.

Respiro.

Valentim.

Mas, sabes ? queriam mandar-me atacar holandezes em Serinhaem !

Luizinha.

Meu Deus !

Valentim.

Mas já não vou : flico.

Luizinha.

Devéras ?

Valentim.

O peor é que o Aragão Furacão voltou.

Luizinha, assustada.

Voltou ? !

Valentim.

Enviado pelo céo. Elle é que faz com que eu não vá para a guerra.

Luizinha.

Como assim ?

Valentim.

Porque deseja a todo o transe casar-me com a irman, e eu...

Luizinha.

E tu ?

Valentim.

Prometti casar-me.

Luizinha, estupefacta.

Prometteu casar-se ! E então eu ? !

Valentim.

Não te afflijas... o principal era ganhar tempo. Que diabo ! um casamento nunca se faz assim do pé p'ra mão... Eu levo a remanchar, a remanchar... o Jorge volta, toma o seu logar, nós regressamos ás nossas canecas e aos nossos funis, casamo-nos e...

Luizinha.

Já lhe perdi as esperanças ! Valentim, serás obrigado a casar com essa mulher ! (*Chora.*)

Valentim.

Oh ! não chores !

DUETTO

Valentim.

Não te afflijas, que ainda espero
Nos ver felizes !
Nos teus olhos ver não quero
Dous chafarizes !
Um casorio não é cousa
Que assim se faça !

Luizinha.

Não mais serei tua esposa !
Oh ! que desgraça. (*Chora.*)

Valentim.

Não chores, meu amor !

Luizinha.

Eu choro, sim, senhor !
Porque não descobre tudo ?
Porque assim me sacrifica ?

Valentim.

Pois não sabes, minha rica,
Que...

Luizinha.

Que o que, seu cabeçudo ?

Valentim.

Que...

Pum ! pum ! pum !
Podem mandar-me fuzilar ? !

Luizinha.

Pum !

Pum ! pum !

Pois deixal-o estar ! (*Chora.*)

Valentim.

Não chores !

Luizinha,

Eu choro

Té mais não poder !

Perdi meu thesouro !

Não me posso conter !

Ai ! ai ! ai !

Meu Valentim casar-se vae !

Juntos.

Luizinha.

Eu choro, sim choro,

Té mais não poder !

Perdi meu thesouro !

Não me posso conter !

Ai ! ai ! ai !

Meu Valentim casar-se vae !

Valentim.

Suspende esse choro !

Reviva o prazer !

'Stá aqui teu thesouro !

Não te podes conter !

Ai ! ai ! ai !

Teu Valentim casar não vae !

SCENA VIII

OS MESMOS, o GOVERNADOR, *acompanhado por DOUS OFFICIAES, a quem dá ordens em voz baixa.*

O Governador.

Major, o seu desejo vae ser satisfeito. Approvo o seu casamento com D. Guiomar de Aragão.

Valentim, baixo a Luizinha, com alegria.

Vês ? Não vou a Serinhaem !

O Governador.

Mas como não desejo que este casamento retarde a expedição de que ha pouco fallámos, rece-

berão a bençãam nupcial agora mesmo, alli, na capella do palacio. Já mandei prevenir a noiva e o meu capellão.

Valentim.

Agora mesmo !

O Governador.

Assistirei á cerimonia. Só amanha partirá para Serinhaem.

Valentim.

Amanhan...

O Governador, dando um rolo de papel a Valentim.

E aqui tem o meu presente de noivado. A sua promoçãa a tenente-coronel : faltava-lhe esse posto para substituir o infeliz Rodovalho.

Valentim, aparte.

E morrer fuzilado !

O Governador, aos officiaes.

Acompanhae-me, senhores. (*Sae pela direita, acompanhado pelos officiaes.*)

SCENA IX

VALENTIM, LUIZINHA, *depois* GREGORIO.

Valentim.

Casado !

Luizinha.

Casado ! Ah ! (*Cae desmaiada n'uma cadeira.*)

Valentim.

Luizinha ! Luizinha ! Perdeu os sentidos !

Volta a ti... Olha, vou descobrir tudo ! Ora adeus !
sim, vou descobrir tudo, aconteça o que acontecer !

Gregorio, entrando agitado pela portinha da esquerda, ¶
Valentim.

Vamos ! Depressa ! Entrem ! Trago uma
grande noticia !

Valentim, a ver se Luizinha volta a si.
Sargento, estamos perdidos !

Gregorio.
Estamos salvos !

Valentim.
Hein ?

Gregorio.
E' preciso que o não vejam aqui. Entre, com mil
raios !

Valentim.
E Luizinha ?

Gregorio.
Eu cuidarei della. Mas entre ! (*Empurra-o
para dentro e volta a Luizinha.*) Pobre pequena !
que alegria ha de ter quando souber !

SCENA X

LUIZINHA, *desmaiada*, GREGORIO, PANTALEÃO, *depois*
JORGE, *depois* o GOVERNADOR, A NOIVA, O CA-
PELLÃO, OFFICIAES, CONVIDADOS.

Pantalão, entrando encolerizado.

Isto é de mais ! isto é de mais ! Vem ou não
este maldito major Braga ?

Jorge, apparecendo pela portinha da esquerda, com dignidade.

Aqui estou meu querido cunhado, e prompto a acompanhal-o.

Pantaleão.

Venha depressa. O governador espera-nos.

(Correm-se os reposteiros do fundo e vê-se a capella, brilhantemente illuminada. O governador, os officiaes, os soldados e as damas formam grupos; Jorge comprimenta o governador, e vai buscar pela mão a irman de Pantaleão, que está vestida de noiva. Durante o côro, o capellão celebra o casamento no altar, ao fundo. Luizinha volta a si aos poucos, ajudada por Gregorio. Olha em roda de si estupefacta; depois vê Jorge e tudo quanto se passa ao fundo.)

Coro.

Sejam venturosos
Estes dous esposos ;
Gosos e mais gosos
Lhes depare amor !
No seu lar contente
Vingue eternamente
Vivida e virente
Da alegria a flor !

Luizinha, desesperada emquanto continúa a cerimonia.

Meu Deus ! que vejo ! Valentim !

(Quer precipitar-se para o fundo; Gregorio impede-o.)

Valentim, apparecendo pela portinha da esquerda, vestido como no primeiro acto.

Emfim !...

Luizinha.

Ah !

(Lança-se nos braços d'elle.)

Valentim, olhando para o fundo, onde se vê Jorge, de costas, a casar-se.

O meu querido irmão lá está !

Luizinha.

Onde elle estava ? Digam lá !

Gregorio.

E' longa historia, que depois
Hão de saber os dois !

Os tres

Oh ! que ventura ! Até pela manhan
Desejára cantar o rataplan...

Rataplan !

Rataplan !

Coro.

(A meia voz, na capella.)

Sejam venturosos, etc.

(Jorge, a noiva, o capellão, o governador e Pantaleão retiram-se pelo fundo. Os demais personagens descem ao proscenio, entoando o rataplan.)

Impresso e brochado nas officinas de AUGUSTO DOS SANTOS.
